

**BIOÉTICA, LINGUAGEM E CONSUMO CONSCIENTE:
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA****BIOETHICS, LANGUAGE, AND CONSCIOUS CONSUMPTION:
AN EXPERIENCE REPORT OF A PEDAGOGICAL INTERVENTION****Diego Carlos Zanella¹****RESUMO**

O presente trabalho relata e analisa uma intervenção pedagógica realizada por meio de uma oficina em formato de circuito, envolvendo os Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade Franciscana (UFN), com foco na atuação do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPGEHL). A atividade, intitulada “além do cheiro: o rótulo, a ética e a linguagem que você compra”, teve como objetivo promover a reflexão crítica de estudantes do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública sobre o consumo de produtos de higiene (sabonetes e aromatizantes). Sob o referencial teórico da bioética e da análise da linguagem, discutiu-se a dualidade dos rótulos como instrumentos de informação e persuasão. A metodologia fundamentou-se na desconstrução de termos mercadológicos, como “vegano”, “100% natural” e “testado dermatologicamente”, confrontando o “poder fazer” tecnológico com o “dever fazer” ético. Os resultados demonstram que o letramento científico, aliado à sensibilidade bioética, capacita o discente a identificar práticas de apropriação indébita do discurso ambiental e a compreender a complexidade das cadeias produtivas, promovendo um engajamento cidadão voltado à sustentabilidade e à justiça social.

Palavras-chave: Sustentabilidade; educação básica; análise do discurso; responsabilidade social; letramento científico.

ABSTRACT

This study reports and analyzes a pedagogical intervention conducted through a circuit-format workshop, involving the Stricto Sensu Graduate Programs of the Franciscan University (UFN), with a focus on the performance of the Graduate Program in the Teaching of Humanities and Languages (PPGEHL). The activity, titled “beyond the scent: the label, ethics, and the language you buy”, aimed to promote critical reflections among students in the final years of Basic Education (8th and 9th grades) from a public school regarding the consumption of hygiene products (soaps and air fresheners). Under the theoretical framework of bioethics and language analyses, the duality of labels as instruments of both information and persuasion was discussed. The methodology was based on the deconstruction of marketing terms, such as “vegan”, “100% natural”, and “dermatological tested”, confronting the technological “can do” with the ethical “should do”. The results demonstrate that scientific literacy, combined with bioethical sensitivity, enables students to identify practices of misappropriation of environmental discourse and to understand the complexity of production chains, promoting citizen engagement focused on sustainability and social justice.

Keywords: Sustainability; Basic Education; Discourse Analysis; Social Responsibility; Scientific Literacy.

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (PUCRS), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestre e especialista em Bioética pela Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO, Argentina). Professor do Curso de Filosofia e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPGEHL), ex-vice-coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) (2018-2025) e ex-coordenador da Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA) (2020-2025), na Universidade Franciscana (UFN), Santa Maria, RS. Membro da Sociedade Brasileira de Bioética (SBB) e ex-membro relator da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) (2024-2025). E-mail: diego.zanella@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2180-4011>

1 INTRODUÇÃO

A complexidade da sociedade de consumo contemporânea impõe um desafio crítico à Educação Básica: a necessidade de instrumentalizar os estudantes para além da decodificação literal, capacitando-os para uma leitura crítica dos discursos que operam na subjetividade e nas práticas cotidianas. No cenário atual, o ato de consumir deixa de ser uma operação puramente utilitária para converter-se em um fenômeno semiótico, em que o mercado dita não apenas necessidades, mas estilos de vida e valores morais.

Neste contexto, o rótulo de produtos de higiene e cosméticos deixa de ser um receptáculo passivo de dados técnicos para emergir como um gênero textual híbrido e um artefato de poder. Ele habita a zona de tensão entre a função denotativa (informação) e a função conativa (persuasão), atuando como um véu que frequentemente obscurece a fetichização da mercadoria. Como aponta a tradição da *Teoria Crítica* (cf. Habermas, 2003, I, p. 465), a racionalidade instrumental converte objetos em símbolos de desejo, ocultando as relações sociais de produção, o impacto biótico e a procedência ética dos insumos.

Portanto, a leitura crítica de um rótulo constitui um exercício de franqueza, confiança e ousadia em falar a verdade e de resistência à colonização do “mundo da vida” pelo sistema econômico. Educar para a análise do rótulo é, em última análise, educar para a bioética da responsabilidade. Trata-se de capacitar o estudante a identificar o hiato entre a promessa de “naturalidade” e a realidade da cadeia produtiva. Ao desconstruir a linguagem persuasiva, o letramento científico revela a verdade factual sufocada pelo *marketing*, transformando o consumidor passivo em uma pessoa ética capaz de discernir entre o tecnologicamente possível e o moralmente justificável.

É nesse limiar entre a ciência e a moral que se insere a bioética, conforme preconizada por Van Rensselaer Potter (1911-2001) como uma “ciência da sobrevivência” (2016, p. 27), atuando como ponte entre o conhecimento biológico e os valores humanos (cf. Zanella, 2018, p. 475). No campo da produção e consumo, a bioética questiona o princípio do tecnologicamente possível (o *poder fazer*) em confronto direto com o eticamente desejável (o *dever fazer*), abrangendo dimensões que vão da saúde individual à sustentabilidade planetária e à justiça social.

O presente artigo relata e analisa a intervenção pedagógica intitulada “além do cheiro: o rótulo, a ética e a linguagem que você compra”, realizada em 03 de dezembro de 2025. A atividade, organizada em formato de circuito na *praça da ciência*, um ambiente de inovação e divulgação científica da Universidade Franciscana (UFN), foi coordenada pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPGEHL), e envolveu estudantes do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual. A oficina central versou sobre a fabricação de sabonetes e aromatizantes e serviu como ponto de partida para a reflexão crítica da intervenção pedagógica, conduzida pelo PPGEHL, sobre os conflitos éticos, linguísticos e ambientais dos rótulos.

A intervenção focou na desmistificação de termos mercadológicos (“vegano”, “100% natural”) e na análise da linguagem como vetor tanto de transparência quanto de apelo ecológico enganoso. A necessidade de decodificar a linguagem da embalagem é sublinhada por Vieira, Silva e Vieira (2024, p. 125), que argumentam que a análise crítica do discurso publicitário é importante para evitar a colonização do olhar do consumidor, garantindo que as escolhas sejam fundamentalmente éticas e não meramente induzidas.

Este artigo está estruturado em três seções. Após esta introdução, a primeira seção apresenta o referencial teórico que alinha a bioética, a análise do discurso e o consumo consciente. A segunda seção detalha a metodologia da intervenção e a aplicação prática da oficina. Os resultados da reflexão crítica e as contribuições para o letramento científico e a cidadania são discutidos na terceira seção, culminando nas considerações finais e nas implicações futuras de pesquisa.

2 BIOÉTICA, DISCURSO E CONSUMO: FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA CIDADANIA CRÍTICA

A intervenção pedagógica aqui relatada ancora-se em um diálogo epistemológico tripartite entre a filosofia moral, a linguística aplicada e as ciências sociais, visando à formação de uma cidadania reflexiva. O cerne da discussão reside no desvelamento da razão instrumental que rege a produção de bens e a imposição de uma racionalidade comunicativa crítica, capaz de questionar o *status quo* mercadológico (cf. Habermas, 2003, II, p. 551).

A bioética, na sua genealogia estendida por Potter (2016), posiciona-se não apenas como uma disciplina de fronteira, mas como uma “moralidade da sobrevivência” (Potter, 2018, p. 261), a qual também pode ser vista como uma “bioética da responsabilidade” (Rodríguez, 2018, p. 14), exigindo que o domínio do conhecimento biotecnológico seja mediado por um imperativo ético. A transposição da bioética da clínica para o mercado impõe o questionamento do binômio “poder fazer” (capacidade técnica) *versus* “dever fazer” (validade moral) (cf. Zanella; Guilhem, 2023, p. 159). Essa tensão remete à crítica de Habermas sobre a “colonização do mundo da vida” (2003, II, p. 451) pelos sistemas (economia e administração), em que a lógica de eficiência técnica busca se sobrepor às normas de justiça e solidariedade.

Especificamente, a bioética ambiental exige a superação da ética antropocêntrica em favor de uma ética da responsabilidade, que abarque o destino dos não-humanos e dos sistemas ecológicos. O consumo, sob essa ótica, transforma-se em um ato político e moral. O sabonete, enquanto objeto de consumo, deixa de ser neutro e passa a ser um artefato carregado de implicações sobre o bem-estar animal, a justiça laboral e o impacto hidrológico e de resíduos. Conforme defende Junges (2010, p. 105; 2024, p. 21), a exigência de sustentabilidade e justiça global no consumo transcende a mera segurança individual do produto, requerendo um engajamento cívico na fiscalização de toda cadeia de valor.

Em paralelo, a análise do discurso desvela a instrumentalização da linguagem no rótulo. Este artefato textual opera como um campo de batalha em que a informação técnica luta contra a persuasão mercadológica. A linguagem é mobilizada para criar uma imagem de valor - pureza, naturalidade, ética - que nem sempre corresponde à realidade do produto. O fenômeno do apelo ecológico enganoso (ou maquiagem verde) é o ápice dessa instrumentalização: a apropriação indevida do discurso da sustentabilidade para camuflar práticas de produção questionáveis.

A desconstrução desses termos, como o “vegano” ou o “100% natural”, é a *práxis* pedagógica que visa ao letramento científico e crítico. Ao decodificar o discurso e confrontá-lo com a rigorosidade da pesquisa, o estudante é capacitado a distinguir a verdade factual da retórica de *marketing*. O objetivo final é a formação de um consumidor consciente, que, preparado com a sensibilidade bioética e a crítica discursiva, exige a transparência total, exercendo sua cidadania ao valorizar a história e a ética subjacentes ao produto.

3 METODOLOGIA DA INTERVENÇÃO: O CIRCUITO DE HUMANIDADES E A ANÁLISE DO RÓTULO

O delineamento metodológico deste trabalho assume a forma de um relato de experiência, modalidade que, conforme preconizado por Holliday (2006, p. 24), permite a sistematização crítica de uma prática com o intuito de extrair ensinamentos que transcendam a mera descrição factual, promovendo a transformação do fazer em saber. Sob uma perspectiva qualitativa e dialógica, a experiência foi estruturada para transitar do campo da técnica para o campo da ética, compreendendo que o saber pedagógico em humanidades deve ser, antes de tudo, uma *práxis*, isto é, a união indissociável entre a ação e a reflexão teórica profunda sobre o mundo.

A intervenção ocorreu em 03 de dezembro de 2025, no contexto de uma oficina em formato de circuito que envolveu os Programas de Pós-Graduação da Universidade Franciscana (UFN). O público-alvo foi composto por discentes do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual. Como bem destaca Jorge Larrosa Bondía, a experiência não é meramente o que ocorre exteriormente às pessoas, mas “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Bondía, 2002, p. 21), ou seja, a experiência é aquilo que nos atravessa e transforma nossa percepção da realidade. Nesse sentido, a oficina de fabricação de sabonetes e aromatizantes serviu como o suporte empírico para que o Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPGEHL) operasse a desconstrução crítica do objeto técnico, elevando-o à categoria de objeto ético e discursivo.

A condução metodológica do PPGEHL foi pautada na fenomenologia da percepção e na análise crítica do discurso. Inicialmente, estabeleceu-se uma conexão entre a bioética e o cotidiano, desafiando a visão tecnicista de que a ciência é neutra. Ao questionar se o “poder fazer” tecnológico justifica o “dever fazer” moral, a intervenção guiou os estudantes pela análise das esferas animal, ambiental

e social da cadeia produtiva. O foco central da experiência residuiu na análise do rótulo como gênero discursivo híbrido, em que a linguagem opera simultaneamente na informação técnica e na persuasão mercadológica. Através de um debate mediado, procedeu-se à investigação dos termos frequentemente utilizados pela indústria para configurar o fenômeno da maquiagem verde (ou apropriação indevida do discurso sustentável), tais como “vegano” e “100% natural”, confrontando a validade existencial dessas afirmações com a necessidade de pesquisa rigorosa e transparência na comunicação científica.

A etapa culminante da experiência envolveu a produção autoral dos estudantes, que foram desafiados a sintetizar o aprendizado através da criação do “rótulo ideal”. Este exercício não visava apenas à criatividade, mas à aplicação da racionalidade ética sobre a linguagem: a inversão da lógica da persuasão pela lógica da transparência. Os estudantes foram orientados a elencar palavras-chave que refletissem compromissos éticos reais, como a rastreabilidade de ingredientes e o descarte responsável. Assim, a metodologia do relato de experiência aqui apresentada não apenas descreve um evento cronológico, mas sistematiza (cf. Holliday, 2006, p. 24) uma intervenção que buscou, através do letramento científico e bioético, despertar a autonomia crítica necessária para que as escolhas de consumo se tornem atos afetivos de cidadania e cuidado com a vida.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: LETRAMENTO CIENTÍFICO E A CONSTRUÇÃO DO CONSUMIDOR ÉTICO

A análise dos resultados emergentes desta experiência pedagógica revela que a sistematização do saber, quando mediada pela interdisciplinariedade entre as ciências da vida e as humanidades, promove uma ruptura na percepção linear e ingênua do consumo. Ao refletir sobre o “fazer” da oficina de sabonetes e aromatizantes, os estudantes demonstraram uma transição significativa da fruição puramente estética para uma investigação de caráter existencial e ético sobre o produto. Como postula Freire (1995, p. 97), e corroboram Moutinho, Costa e Linhares (2024, p. 8-9), o processo educativo deve visar a passagem da curiosidade ingênua para a curiosidade crítica, o que foi observado quando o fascínio sensorial pelo aroma e pela cor do sabonete deu lugar ao questionamento sobre as estruturas invisíveis da produção. A experiência evidenciou que o letramento científico não se limita ao domínio técnico da formulação química, mas expande-se para a compreensão de que a ciência e a técnica não são axiologicamente neutras, carregando em si escolhas morais que impactam a responsabilidade e o ecossistema.

Assim, um dos resultados mais contundentes da experiência foi a desconstrução da maquiagem verde (*greenwashing*) por meio da análise do rótulo como um campo de batalha discursivo. Os discentes, inicialmente seduzidos por expressões de apelo emocional e vago, passaram a identificar a dissonância entre a retórica persuasiva e a substancialidade factual. Conforme aponta Orselli (2021, p. 379), a bioética no ensino de humanidades atua como uma ferramenta de decolonização

do olhar, permitindo que as pessoas envolvidas percebam que a transparência comunicacional é um imperativo de justiça. Durante a atividade de criação do “rótulo ideal”, observou-se uma inversão da lógica do *marketing* tradicional: em vez de ocultar ingredientes sob nomenclaturas complexas ou apelos de “pureza natural” sem lastro, os estudantes priorizaram a descrição da história ética do produto. A valorização de termos como “embalagem biodegradável” e “rastreabilidade de insumos” reflete a internalização de uma responsabilidade intergeracional, na qual o ato de consumo é reconhecido como um gesto político de cuidado com o futuro.

Ao se desdobrar ainda mais esse resultado, percebe-se outra consequência importante da experiência, que reside na mudança de foco do discurso persuasivo para o discurso de transparência. Na tarefa final de criação do rótulo, a maioria dos grupos substituiu *slogans* baseados na sensorialidade (“cheiro incrível”, “cor radiante”) por imperativos éticos factuais. As palavras-chave priorizadas passaram a ser “livre de testes em animais”, “embalagem reciclada” e “óleos de cultivo local e justo”. Tal movimento demonstra a internalização do princípio bioético da justiça social e responsabilidade intergeracional. Os discentes, ao se recusarem a usar a linguagem para o apelo ecológico enganoso, demonstraram o desenvolvimento de uma autonomia ética em relação à indução publicitária (cf. Santos; Zanella, 2018, p. 199).

Outro resultado significativo foi a desnaturalização dos termos mercadológicos. No debate inicial, expressões como “100% natural” ou “livre de parabenos” eram percebidas como garantias absolutas de qualidade e inocuidade. No entanto, o aprofundamento ético, ao confrontar a premissa linguística com as implicações da cadeia produtiva, expõe um déficit de legitimidade, ou seja, o produto em questão perde a confiança da sociedade, pois seu discurso passa a ser visto apenas como uma ferramenta de *marketing* (ou *greenwashing*), e não como um compromisso ético genuíno (cf. Nassar; Farias, 2017, p. 77-78). A discussão sobre o termo “vegano”, por exemplo, evoluiu de uma simples ausência de ingredientes de origem animal para o questionamento mais profundo sobre a pesquisa substantiva (como garantir segurança sem gordura animal) e as dimensões ética complementares (como a embalagem e o transporte). Os estudantes compreenderam que a validação de um conceito ético exige o rigor da pesquisa científica, e que a segurança dermatológica (“bom para mim”) não é sinônimo de sustentabilidade planetária (“bom para o mundo”).

A discussão teórica levantada pela experiência também ressalta a importância do engajamento emocional aliado ao rigor intelectual. A sensibilização bioética permitiu que os estudantes transpusessem o conceito de justiça ambiental para a escala do cotidiano. Ao debaterem a substituição da gordura animal e os riscos dos efluentes gerados pelo uso doméstico de tensoativos, os participantes do 8º e 9º ano aproximaram-se da razão comunicativa habermasiana, na qual o consenso sobre o que é “correto” deve ser construído através do entendimento mútuo sobre os riscos e benefícios globais da técnica (Habermas, 2003, II, p. 562). Portanto, a construção do consumidor ético, tal como observada nesta intervenção, não se encerra na aquisição de informações, mas na formação de um caráter

reflexivo. Estas pessoas, agora munidas de um letramento crítico, compreendem que o rótulo é um compromisso público e que exigir a verdade científica é uma forma de exercer a sua própria dignidade e cidadania frente ao mercado.

Portanto, a intervenção evidencia que o ensino de humanidades, quando integrado à *práxis* científica e à bioética, é essencial para a construção de um consumidor ético. Não se trata apenas de informar, mas de promover o engajamento cívico que exige a prestação de contas da produção, transformando o ato de compra em uma escolha consciente e politizada que impacta diretamente a sustentabilidade e a equidade social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato de experiência sistematizou a intervenção pedagógica “além do cheiro: o rótulo, a ética e a linguagem que você compra”, evidenciando o potencial das humanidades e da bioética como eixos estruturantes para a formação de um cidadão ético e consumidor crítico na Educação Básica. O percurso metodológico, que envolveu a desconstrução do objeto técnico (o sabonete) e sua elevação à categoria de artefato moral e discursivo, demonstrou que a superação da racionalidade instrumental - que invisibiliza as consequências bióticas e sociais do consumo - é viável através da *práxis* educativa.

A responsabilidade, preconizada pela bioética de Potter e amplificada no conceito de bioética global, encontrou ressonância empírica nos resultados observados. A transição da curiosidade ingênua para a crítica, conforme a matriz freiriana, materializou-se na capacidade dos estudantes de identificar a maquiagem verde e de exigir a transparência total do rótulo. A desnaturalização dos termos mercadológicos (“100% natural”, “vegano”) provou que o letramento científico e discursivo é a ferramenta essencial para que o estudante não seja “colonizado” pela retórica publicitária, mas sim se torne o protagonista de suas escolhas.

O movimento mais significativo, e filosoficamente mais profundo, da intervenção reside na intervenção da lógica do rótulo: a substituição da persuasão pela transparência. Ao priorizarem imperativos éticos e factuais (“rastreadibilidade”, “livre de testes”) em detrimento de apelos sensoriais (“cheiro incrível”), os discentes internalizaram o princípio da autonomia ética, agindo segundo a máxima de que o “bom para o mundo” (sustentabilidade e justiça social) é uma condição *sine qua non* para o “bom para mim” (segurança dermatológica e consumo consciente). Esta exigência de prestação de contas da produção reconfigura o ato de compra em um engajamento cívico efetivo, aproximando-se da razão comunicativa habermasiana, em que a validade das ações é negociada e justificada publicamente.

Em síntese, o presente relato reforça a tese de que a bioética, integrada ao ensino de humanidades, é fundamental para o cumprimento da função social da Educação Básica: formar cidadãos capazes de exercer plenamente sua dignidade frente ao mercado. Os resultados da intervenção sugerem

que o letramento crítico não apenas desvela a fetichização da mercadoria, mas capacita os estudantes a exigir que a ciência e a técnica sirvam aos propósitos da vida, da sustentabilidade e da equidade.

REFERÊNCIAS

- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 14 dez. 2025.
- FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 1995.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la acción comunicativa: crítica de la razón funcionalista**. Vol. II. Madrid: Taurus, 2003.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la acción comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social**. Vol. I. Madrid: Taurus, 2003.
- HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006. Disponível em: <https://www.edpopsus.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/oscar-jara-para-sistematizar-experic3aancias1.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2025.
- JUNGES, José Roque. **(Bio)Ética ambiental**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2010.
- JUNGES, José Roque. **A questão ambiental: para entender**. São Paulo: Ideias & Letras, 2024.
- MOUTINHO, Sônia Oliveira Matos; COSTA, Dirno Vilanova da; LINHARES, Danillo Moretti Godinho. A curiosidade epistêmica em Paulo Freire e as possibilidades de práticas educativas emancipatórias na escola. **Educação Unisinos**, v. 28, p. 1-14, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/edu.2024.281.03>. Acesso em: 14 dez. 2025.
- NASSAR, Paulo; FARIAS, Luiz Alberto de. Ética e organizações: narrativas e conflitos. **Organicom**, v. 14, n. 17, p. 70-80, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2017.144109>. Acesso em: 14 dez. 2025.
- ORSELLI, Helena Maria Zanetti de Azeredo. A decolonização da bioética na América Latina. **Revista Videre**, v. 13, n. 27, p. 362-388, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.30612/videre.v13i27.12905>. Acesso em: 14 dez. 2025.
- POTTER, Van Rensselaer. **Bioética: ponte para o futuro**. São Paulo: Loyola, 2016.

POTTER, Van Rensselaer. Transcrição do vídeo do Simpósio Internacional de Bioética (Rijeka, Croácia, 2001). In: PESSINI, Leo; SGANZERLA, Anor; ZANELLA, Diego Carlos Zanella (orgs.). **Van Rensselaer Potter: um bioeticista original**. São Paulo: Loyola, 2018, p. 259-261.

RODRÍGUEZ, Francisco Quesada. **La bioética de la responsabilidad según Hans Jonas**. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2018.

SANTOS, Ana Alice Silva; ZANELLA, Diego Carlos. O ensino da ética e a personalidade moral em Lawrence Kohlberg. **Disciplinarum Scientia: Ciências Humanas**, v. 19, n. 2, p. 189-204, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/2922>. Acesso em: 14 dez. 2025.

VIEIRA, Mirian Alves; SILVA, Pablo Cruz da; VIEIRA, Valéria Alves. Análise do discurso: um olhar sobre as propagandas. In: FARIAS, Bruno Matos de (org.). **Fronteiras do conhecimento: um diálogo entre disciplinas**. Rio de Janeiro: Epitaya, 2024, p. 119-126. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/1088>. Acesso em: 14 dez. 2025.

ZANELLA, Diego Carlos; GUILHEM, Dirce Bellezi. **História da bioética no Brasil**. Curitiba: PUCPRESS, 2023.

ZANELLA, Diego Carlos. Humanidades e ciência: uma leitura a partir da bioética de Van Rensselaer (V. R.) Potter. **Interface**, v. 22, n. 65, p. 473-480, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0914>. Acesso em: 14 dez. 2025.